

Translatio

Revista do Núcleo de Estudos de Tradução Olga Fedossejeva
número 1 -novembro de 1998

Translatio

Revista do Núcleo de Estudos de Tradução Olga Fedossejeva
Número 1 - Novembro de 1998

Conselho Editorial

Edwin Gentzler
Else Vieira
Haroldo de Campos
Heloísa Gonçalves Barbosa
Ignácio Neiss
John Milton
Lúcia Rebello
Lya Luft
Maria da Graça Krieger
Rosemary Arrojo
Tânia Franco Carvalhal

Translatio/Núcleo de Estudos de Tradução Olga Fedossejeva. IL/UFRGS. Vol. 1, (nov. 1998)-
Porto Alegre: NET, 1998 -

---v.

Anual

1. Estudos de Tradução. 2. Literatura Comparada. 3. Estudos Culturais.

CDD 418.02

Pacto de Morte.....

Kawabata Yasunari¹
Meiko Shimon*

Chegou uma carta do marido que fugira por tê-la detestado. Havia decorrido dois anos e era de uma terra distante.

“Não deixa a criança quicar a bolinha de borracha. O ruído chega a meus ouvidos. Esse ruído bate no meu coração.”

Ela tirou a bolinha de borracha da filha de oito anos.

Novamente, chegou a carta do marido. Fora remetida em um posto diferente da carta anterior.

¹ Kawabata Yasunari (1899-1972; ou Yasunari Kawabata como é conhecido no Ocidente, Prêmio Nobel de Literatura em 1968), autor de *O país de neve* e *Nuvens de pássaros brancos*, é conhecido por sua preocupação em expressar a beleza da tradição cultural japonesa. Na sua juventude, entretanto, recebeu fortes influências de Proust, Joyce e Strindberg, entre outros escritores europeus e foi participante ativo do movimento modernista japonês. Ao longo de sua vida, escreveu nada menos que 140 contos brevíssimos, denominando-os de *tanagokoro no shôsetsu* (história que cabe na palma da mão). *O pacto de morte* apresentado aqui foi escrito em 1926 e é considerado uma das criações máximas do gênero. A tradução está ainda na forma preliminar, necessitando de revisão e polimento para chegar à forma final.

* Meiko Shimon é professora do Departamento de Línguas Modernas do Instituto de Letras de UFRGS.

“Não deixa a criança ir à escola de sapato. O ruído chega a meus ouvidos. Esse ruído pisoteia o meu coração.”

No lugar dos sapatos, ela deu chinelos de feltro à sua filha. A menina chorou e deixou de ir à escola.

Novamente, chegou a carta do marido. Era um mês depois da segunda carta, porém, notava-se um súbito envelhecimento na sua caligrafia.

“Não deixa a criança comer na tigela de cerâmica. O ruído chega a meus ouvidos. Esse ruído dilacera o meu coração.”

Ela passou a dar-lhe a comida com seu próprio *hashi*², como se a filha fosse uma criança de dois anos. E recordou a época em que realmente a filha tinha dois anos e o marido estava feliz a seu lado. A menina, sem lhe pedir, retirou do armário da cozinha sua própria tigela. Depressa, ela arrancou-a e jogou-a violentamente na grande pedra do jardim. O ruído de rasgar o coração do marido. Subitamente, ela crispou as sobancelhas e jogou sua própria tigela. Não era isto o ruído de rasgar o coração do seu marido? Ela lançou a mesa de refeição ao jardim. E este ruído? Jogou-se contra a parede e bateu com os punhos cerrados. Investiu como uma lança contra a *fusuma*³ e, no mesmo instante, rasgando-a, saiu rolando no outro lado. E este ruído?

— Mamãe, mamãe, mamãe!

Chorando, a filha veio correndo, mas ela deu uma tapa no seu rosto. Oh! Ouve este ruído.

². *Hashi* - pauzinhos de comer.

³. *Fusuma* - portas de correr forradas de papel resistente que servem para separar os aposentos.

Como se fosse o eco destes ruídos, chegou mais uma carta do marido. De um lugar novo e distante, a carta foi remetida de um posto diferente dos anteriores.

“Vocês não devem produzir nenhuma espécie de ruídos. Não abram nem fechem as portas e janelas. Não respirem. Proíbo que o relógio da casa de vocês produza o ruído.”

— Vocês, vocês, ó, vocês!

Falando consigo mesma, ela derramou grossas lágrimas. E não produziu nenhuma espécie de ruídos. Para sempre, deixou de produzir um mínimo de ruído. Isto é, a mãe e a filha morreram.

E estranho é que, seu marido também estava morto ao seu lado.